

ANA RITA CHAGAS RODRIGUES

**CARACTERIZAÇÃO PSICOPATOLÓGICA DOS
ABUSADORES SEXUAIS DE MENORES INTRA VERSUS
EXTRA FAMILIARES**

Orientadora: Professora Doutora Joana Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2017

ANA RITA CHAGAS RODRIGUES

**CARACTERIZAÇÃO PSICOPATOLÓGICA DOS
ABUSADORES SEXUAIS DE MENORES INTRA VERSUS
EXTRA FAMILIARES**

Dissertação defendida em provas públicas
para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Forense conferido pela
Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias, no dia 10 de Maio de 2017,
com o Despacho Reitoral nº 121/2017,
com a seguinte composição de Juri:

Presidente: Professora Doutora Laura Alho

Arguente: Professor Doutor João Pedro
Oliveira

Orientadora: Professora Doutora Joana
Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2017

Dedicatória

Para a minha mãe que sempre acreditou em mim e me dá forças para chegar sempre mais longe... Obrigada!

AGRADECIMENTOS

São várias as pessoas a que tenho de agradecer pelo apoio que me deram ao longo destes anos e em especial na elaboração desta dissertação.

Tenho de agradecer, uma vez mais, á minha mãe que além de ser a minha melhor amiga é a pessoa que mais me dá forças para lutar e fazer sempre melhor. Ao meu pai que acredita sempre em mim e está lá sempre para me ouvir a lamentar ou a festejar. Aos meus avós maternos e paternos, aos que ainda cá estão e aos que já não estão fisicamente, um enorme obrigado, porque sem eles eu não estaria onde estou. Em especial ao meu avô Rocha por ser o exemplo de vida que foi e por me motivar a ser metade daquilo que ele era! Ao Diogo por “me empurrar” quando acho que já não consigo mais, por me motivar e acreditar sempre em mim. Obrigada pelos mil desabafos e pelas mil histórias ao longo deste ano que teve de ouvir, e às minhas amigas por nos motivarmos umas às outras e por estarem aqui sempre que preciso.

Á minha orientadora Joana Carvalho porque sempre me ajudou a fazer mais e melhor, por estar sempre disposta a ajudar com qualquer dúvida que tenha e por nunca duvidar de nós alunos.

Á professora Maria Louro e ao professor Carlos Poiares por (juntamente com a professora Joana Carvalho) me terem ensinado tanto e me fazerem ficar cada vez mais apaixonada por esta área.

Resumo

O objetivo do presente estudo será o de caracterizar os abusadores sexuais de menores intra familiares e os abusadores sexuais de menores extra familiares de acordo com o seu perfil psicopatológico e de personalidade. A amostra deste estudo foi recolhida em estabelecimentos prisionais do norte e centro do País, constituída por 39 participantes do sexo masculino condenados por abuso sexual a menores e divididos em dois grupos, intra e extra familiar. Os dados foram recolhidos através do preenchimento de 4 escalas; o Breve Inventário de Sintomas (BSI), Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI), as Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (PANAS) e a Escala de Impulsividade de Barrat (BIS). Os dados foram analisados através dos procedimentos estatísticos de análise multivariada da variância (MANOVA). Os resultados obtidos demonstram que os agressores sexuais de menores extra familiares caracterizam-se por serem mais impulsivos cognitivamente, vivenciarem mais afetos negativos, terem uma maior tendência para o neuroticismo e por serem pessoas com mais sintomatologia psicopatológica comparativamente aos abusadores sexuais intra familiares.

Palavras-chave: agressores sexuais de menores intra familiares; agressores sexuais de menores extra familiares; caracterização psicopatológica; personalidade.

Abstract

The aim of the present study was to characterize intra-familial versus extra-familial child sexual offenders according to their psychopathological and personality profile. The sample was collected in prisons in the north and center of the country, made up of 39 male participants convicted of sexual abuse of minors and divided into two groups, intra and extra familiar. The data were collected by filling 4 scales; The Brief Inventory of Symptoms (BSI), Personality Five Factors Inventory (NEO-FFI), the Positive and Negative Affect Scale (PANAS) and the Barrat Impulsivity Scale (BIS). The data were analyzed through the statistical procedures of multivariate analysis of variance (MANOVA). The results obtained demonstrate that the extra-familial child sexual offenders presented significantly more cognitive impulsiveness, more negative trait-emotions, higher levels of neuroticism, and further reported significantly more psychopathological symptoms in relation to the intra-familial child sex offenders.

Keywords: sexual aggressors of minors within the family; Sexual offenders of extra-ordinary minors; Psychopathological characterization; personality.

Abreviaturas, Siglas, Símbolos

BSI – Breve Inventário de Sintomas

NEO-FFI – Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores

PANAS – Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo

BIS – Escala de Impulsividade de Barrat

ÍNDICE

Introdução	11
Dados Estatísticos	14
Caracterização Psicopatológica	15
Objetivo do estudo atual.....	17
Metodologia	19
Participantes	19
Procedimentos.....	20
Instrumentos.....	21
Escala de Impulsividade – (BIS) - Patton, Stanford & Barratt, 1995	21
Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (PANAS); Watson, Clark, & Tellegen, 1988.	21
Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI) - Costa & McCrae, 1992	22
Breve Inventário de Sintomas (BSI) - Derogatis & Spencer, 1982	22
Resultados.....	24
Impulsividade no abuso sexual de menores.....	24
Afetos Positivos e Afetos Negativos no abuso Sexual de Menores	25
Os fatores da personalidade no abuso sexual de menores	25
Os sintomas nos abusadores sexuais de menores	26
Discussão	29
Bibliografia	Error! Bookmark not defined.
Anexos	37

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A - BSI – Inventário de Sintomas (Derogatis, 1982)	I
Anexo B - NEO-FFI Lima & Simões (2000).....	II
Anexo C - Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (PANAS); Watson, Clark, & Tellegen, 1988.....	III
Anexo D - Escala de Impulsividade de Barrat-11 (bis-11; Patton, Stanford & Barratt, 1995) (tradução de Joana Carvalho & Pedro Nobre, 2009)	IV

INTRODUÇÃO

Dados Estatísticos

Caracterização Psicopatológica

Objectivo do estudo actual

Introdução

Até aos anos 60 os crimes sexuais, o estudo das vítimas e dos agressores eram algo ao qual a Criminologia prestava pouca atenção. Posteriormente foi objeto de estudo da Psicologia e da Psiquiatria, tendo sido realizados diversos estudos na tentativa de alcançar a compreensão deste fenómeno (Blackburn, 1993). Os maus-tratos na infância representam um problema médico-social que está a assumir proporções enormes e a tornar-se um assunto cada vez mais importante para a população e para as áreas médicas, legais e psicossociais. O abuso sexual de menores é um fenómeno transversal a tempos, lugares, culturas e estatutos socioeconómicos, que pode estar presente em famílias de todos os estatutos da sociedade portuguesa. A crescente visibilidade da criminalidade sexual em Portugal constitui uma fonte de insegurança social.

Atualmente o abuso sexual de menores é uma das maiores ameaças ao bem-estar, saúde e segurança do menor. Quando um menor é vítima de abuso sexual é-lhe tirada a sua inocência, própria daquela idade, e o seu direito à liberdade. O seu desenvolvimento deixa de ser saudável pois todo o seu universo é deturpado e confuso. O impacto do abuso sexual está relacionado a três conjuntos de fatores: os fatores intrínsecos à criança, como a vulnerabilidade e resiliência pessoal; os fatores extrínsecos à criança, fatores relacionados com a rede de apoio social e afetiva da vítima; e, os fatores relacionados com o abuso sexual em si, como a duração, grau de parentesco/confiança entre vítima e agressor, reação dos cuidadores não-abusivos na revelação e se houve presença de outras formas de violência (Habigzang & Koller, 2006). As consequências dos abusos dependem das características das vítimas e do abusador, das circunstâncias, do tipo de abuso, duração e frequência do abuso, da reação do meio envolvente, da idade da criança à época do abuso sexual, do elo de ligação existente entre a criança e o abusador, o ambiente familiar em que a criança vive, o impacto que o abuso terá após a sua revelação, a reação dos conhecidos, as decisões sociais, médicas e judiciais que intervirão no caso (Taveira, Frazão, Dias, Matos & Magalhães, 2009). Os comportamentos abusivos vão desde ações que não supõem um contacto sexual como as proposições verbais ou a exibição dos órgãos genitais, até a penetração.

O abuso sexual consiste no uso de uma criança para fins de gratificação sexual de um adulto ou adolescente cinco anos mais velho, quando a criança é incapaz de compreender aquilo que se passa e como tal não sabe compreender nem consentir de forma voluntária (Furniss, 1993). A nível nacional, o termo “abuso sexual infantil” surgiu em finais da década de 90 com a especificação legal no âmbito dos crimes contra a liberdade e auto-determinação

sexual como “abuso sexual de crianças, adolescentes e menores dependentes” (Antunes, 2011).

O termo pedófilo tem sido usado em sobreposição ao termo abusador sexual de menores, muitas vezes é generalizado, mas existem diferenças. O termo pedófilo advém de uma parafilia, que segundo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM-5 (American Psychiatric Association, 2013) e o CID-10 (Classificação Internacional de Doenças, 1993), as Parafilias são caracterizados por impulsos sexuais intensos e recorrentes, caracterizados por fantasias e manifestações de comportamentos não convencionais, provocando alterações em várias áreas da vida do sujeito. A pedofilia refere-se à preferência sexual por crianças, mas não implicam necessariamente atos criminosos. Já o abuso sexual de menores ocorre quando o indivíduo age sexualmente contra um menor sem indicação de preferência sexual por menores. A pedofilia é um termo exclusivamente clínico pelo que não consta no código penal Português, mas o abuso sexual de menores é crime e consta nos artigos 171º, 172º e 173º do Código Penal Português. A preferência sexual de um agressor sexual pode ser mensurada através de medidas falométricas, como o pletismógrafo peniano, que consiste na apresentação aleatória de um conjunto de estímulos sexuais audiovisuais, constituído por estímulos sexualmente desviantes e estímulos sexualmente normativos (neutros) (Chaplin, Rice, & Harris, 1995; cit in Carvalho, 2011).

Estes abusos podem ser num contexto intra familiar e extra familiar, e consoante o abuso existem diferentes características e consequências. Existe ainda, nos dias de hoje, uma enorme dificuldade na sua deteção. Antigamente vivia-se numa era sem internet, agora a internet vem “facilitar” o acesso destes abusadores aos menores.

Como o próprio nome indica, abuso sexual extra familiar é uma forma de violência em que crianças e adolescentes são vitimizados por adultos sem laços familiares e desconhecidas da vítima. O abuso sexual intra familiar é o abuso que ocorre no âmbito familiar, com pessoas próximas e com laços afetivos ou de parentesco, como pai, padrasto ou outros. Quanto aos abusos intra familiares, dados demográficos internacionais apontam para que é o abuso mais comum e perfaz cerca de 80% dos casos denunciados (Kristensen, Oliveira & Flores, 1999).

Existe uma enorme heterogeneidade nos agressores sexuais de menores, quer seja na sua idade, sexo, nível literário, quer no tipo de crime cometido, nas suas motivações ou no *modus operandi*. O seu comportamento não tem uma origem única e bem definida, é fruto de uma multiplicidade de fatores, havendo uma larga amplitude de transformações e

reactualizações dinâmicas no universo psíquico do sujeito de onde se expressam esses comportamentos (Feelgood & Hoyer, 2008). O grupo de agressores sexuais está dividido em, violadores, abusadores a menores não pedófilos, abusadores a menores pedófilos, homicidas sexuais e abusadores com outras parafilias (Huss, 2011).

Os abusadores sexuais de menores (exceto os casos de pedofilia/preferência exclusiva por crianças) costumam ser casados ou viver em coabitação (Craissati & Beech, 2004 ; cit, Carvalho, 2011). Foram, provavelmente vítimas de abuso sexual quando crianças (Bard et al., 1987; Ford & Linney, 1995; cit, Carvalho, 2011), têm um estilo de vinculação preocupados/ansiosos (Ward, Hudson, & Marshall, 1996; cit, Carvalho, 2011), apresentam maiores défices na interação social (Hudson & Ward, 1997; Hsu & Starzynski, 1990; ; cit, Carvalho, 2011), e apresentam mais problemas de internalização (Becker & Hunter, 1997; Lussier, Leclerc, Cale, & Proulx, 2007; cit, Carvalho, 2011). O abusador extra familiar tende a possuir uma orientação sexual homossexual ou bissexual, ao contrário dos intra familiares, que tendem a ser heterossexuais (Seto et al. 2015).

Na maioria dos casos o abuso sexual é planeado com dias ou mesmo meses de antecedência. Apesar de saberem que estão a agir mal, convencem-se de que o seu comportamento é aceitável (Kocsis, Cooksey & Irwin, 2002) e que a criança quer relacionar-se sexualmente com ele, projetando nela os pensamentos e sentimentos que ele quer que ela tenha sobre ele e de que seu comportamento abusivo não causa estragos nem é prejudicial para a criança (Lanning, 1991).

São diversos os modelos e as perspetivas para se compreender os agressores sexuais. Existem os modelos unifactoriais: “modelo biológico”, que através dos fatores genéticos, hormonais e de neurotransmissores explicam a impulsividade, o aumento da excitação e interesse sexual. Freud e o “modelo psicanalítico”, onde defende que o individuo agressor é possuidor de um Self inseguro e relaciona os abusos sexuais de crianças a fantasias reprimidas e insatisfação com a sua sexualidade aquando crianças. O “modelo feminista”, onde está patente questões culturais, a gratificação do poder patriarcal onde a mulher usa os filhos como bens e não como ser de direito. O “modelo sistémico”, onde o incesto é resultado de uma família disfuncional, onde qualquer elemento da família pode vir a abusar um menor. Bowlby e a “Teoria da Vinculação”, onde o apego inseguro e a privação de cuidados parentais no desenvolvimento da criança podem originar, em idade adulta, a necessidade de dominar uma relação (González, Martínez, Leyton & Bardi, 2004). Existem também os

modelos multifatoriais que explicam o fenómeno através de vários fatores como: a “Teoria da pré-condição” (*Precondition Theory*), constituído por quatro fatores que quando ativados irão desencadear os abusos sexuais a menores. Para ocorrer o abuso sexual, o sujeito agressor terá de estar motivado emocionalmente e fisicamente para abusar sexualmente do menor, ter deficit inibitório, a vítima encontrar-se desprotegida devido à falta de supervisionamento parental e transpor a resistência da criança (Finkelhor, 1984, cit. González et. al, 2004; Carvalho, 2011). O “modelo quadripartido da agressão sexual a menores” (*Quadripartite Theory of Child Molestation*), que é constituído por quatro fatores principais, que consoante o tipo de agressor irão ser dominantes, o arousal sexual fisiológico, as distorções cognitivas, o descontrolo afetivo e os traços da personalidade (Hall & Hirschman, 1992, cit. Leirós, 2010 & Carvalho, 2011). Na “Teoria Integrada do Abuso Sexual” (*Integrated Theory of Sexual Offending*), o abuso sexual resulta da interação de um conjunto de fatores ecológicos (ambiente físico), distais (social e cultural) e proximais (vulnerabilidades psicológicas) que interagem entre si de forma dinâmica e podem ter origem em experiências traumáticas como situações de vitimização sexual (Ward & Beech, 2006, cit. Leirós, 2010 & Carvalho, 2011).

Dados Estatísticos

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2014), uma em cada cinco mulheres e um em cada treze homens relatam terem sido abusados sexualmente na infância.

Num estudo do Instituto de Medicina Legal em Portugal verificou-se que 84,8% dos crimes de abusos sexuais de menores eram perpetrados por pessoas conhecidas, em que 14% dos casos era o pai, 25,3% eram outros parentes e 45,6% era uma pessoa conhecida mas que não era parente. Apesar de os crimes sexuais serem maioritariamente praticados por homens, também existem mulheres agressoras sexuais de menores, dados do *National Crime Victimization Survey* indicam que 3.5% dos casos de agressão sexual, o agressor era mulher (Vandiver, 2006). Os adolescentes também têm uma grande percentagem de abusos sexuais cometidos, cerca de 20% das violações e 30 a 50% dos abusos sexuais de crianças (Barbaree, Hudson, & Seto, 1993). Num estudo de Finkelhor constatou-se que 10% das mulheres da sua amostra foram abusadas sexualmente enquanto menores, subindo esta taxa para os 20% quando o critério da idade não foi colocado (Finkelhor (1979) cit, Carvalho, 2011).

Taveira, Frazão, Dias, Matos e Magalhães, realizaram um estudo, com base na análise dos relatórios Médico-legais da Delegação do Norte do Instituto Nacional de Medicina Legal,

relativos a supostos abusos sexuais em menores de 18 anos ($n = 764$), totalizando 67% do total dos casos de crimes sexuais observados. Os resultados revelaram que 34.9% dos abusos são intra familiares, e que existem diferenças estatisticamente significativas em relação aos extra familiares, nos crimes intra familiares as vítimas são mais jovens; os abusadores apresentam um maior nível de abusos sexuais anteriores; as práticas sexuais são menos intrusivas fisicamente; existe mais violência emocional; o intervalo de tempo entre o último abuso e o exame médico-legal é maior; existem menos evidências físicas e biológicas, existe menos violência física (Taveira, Frazão, Dias, Matos e Magalhães, 2009). Russell, fez um estudo com 930 mulheres adultas, escolhidas aleatoriamente, para estimar a prevalência de abuso sexual intra familiar e extra familiar das crianças do sexo feminino. Os resultados obtidos relativamente aos abusos intra familiares foram que 16% destas mulheres relataram pelo menos uma experiência de abuso quando tinham menos de 18 anos; 12% relataram pelo menos experiências antes dos 14 anos. Relativamente ao abuso sexual extra familiar 31% relataram pelo menos uma experiência antes dos 18 anos e 20% relataram pelo menos uma dessas experiências antes dos 14 anos. Apenas 2% dos casos de intra familiar e 6% dos casos de abuso sexual infantil extra familiar já foram denunciados à polícia (Russel, 1983).

Os abusadores intra familiares usam menos a força física e verbal, usam mais as instruções de "não digas a ninguém" e que as condenações e sentenças de prisão são mais longas para criminosos intra familiares. Os rapazes são mais jovens do que raparigas no momento do primeiro abuso, os abusadores extra familiares escolhem mais frequentemente vítimas mais velhas, e como tal usam mais a força (Fischer, McDonald, 1998). Os abusadores de crianças intra familiares, minimizam o acto pois pensam que as crianças são sexualmente atrativas e são motivadas em termos sexuais e pensam que têm o direito a ter relações sexuais com as crianças (Hanson, 1997). Os abusadores de crianças intra familiares atribuem às suas vítimas um estatuto de adultos (Wilson, 1999).

Caracterização Psicopatológica

Existe uma enorme heterogeneidade quanto á caracterização psicopatológica dos abusadores sexuais de menores. Russel divide os abusadores intra familiares em três tipos, o grupos dos introvertidos, em que os sujeitos apresentam uma baixa auto-estima, escassos recursos para interagir com os seus pares, e por essa razão direciona a sua procura para os menores em contexto familiar, associado a contextos culturais inexistentes ou escassos; o grupo dos psicopatas, em que estão dispostos para a promiscuidade indiscriminada; e o grupo

de pedófilos, em que há uma preferência sexual exclusiva por menores, em que o indivíduo possui imaturidade psicosexual e social e sente atração pelos próprios filhos e por outras crianças (Russel, 1983, cit. Soeiro, 2009). Groth, Hobson e Gary, dividem os abusadores extra familiares em dois tipos, os agressores regressivos que são sujeitos com uma orientação sexual ajustada à sua idade, mas que em algum momento da sua vida tiveram problemas familiares ou profissionais que despoletaram comportamentos sexuais com menores; e os agressores de fixação, que são sujeitos com interesse sexual exclusivamente em menores (Groth, Hobson & Gary, 1982, cit Soeiro 2009).

Existe uma menor probabilidade de o agressor ser psicopata quando a vítima é um elemento da família, do que quando a vítima não é da família do agressor. Portanto existe uma maior probabilidade de haver psicopatas em agressores extra familiares do que intra familiares (Vieira, 2010).

No contexto dos crimes, a caracterização psicológica dos abusadores sexuais é uma área bastante estudada visto ter impacto na elaboração de planos de reabilitação adequados. Mohr, Turner, e Jerry avaliaram 55 abusadores sexuais de crianças referenciados pelos tribunais, concluíram que estes raramente sofriam de perturbação psicótica e não eram nem menos inteligentes nem menos escolarizados que a população geral. Verificou-se uma tendência ao isolamento do contacto social adulto e à presença de perturbação de personalidade (Mohr, Turner, & Jerry cit in Pechorro, Poiares, & Vieira, 2008). Investigações baseadas no DSM-IV (American Psychiatric Association, 1996; e.g., Raymond, Coleman, Ohlerking, Christenson, & Miner, 1999) confirmam que raramente é encontrada perturbação psicótica nos abusadores de crianças, apesar de lhes serem frequentemente diagnosticadas perturbações do humor, ansiedade e abuso de substâncias (sobretudo álcool). Pechorro, Poiares e Vieira realizaram um estudo com o objetivo de identificar diferenças no estilo de personalidade de abusadores sexuais de crianças, características do tipo de abuso que cometeram (comportamentos sexuais, maturidade da vítima, sexo da vítima, parentesco, agressão física). Foi utilizada uma amostra obtida em meio prisional de 41 homens, em que concluíram que as escalas mais elevadas se encontravam na categoria Padrões de Personalidade Clínicos. Nesta categoria, as escalas mais elevadas foram a dependente, compulsivo, evitante e esquizóide. Concluíram que não é possível excluir à priori um dado perfil de personalidade como não pertencendo ao grupo dos abusadores sexuais de crianças. (Pechorro, Poiares, & Vieira, 2008).

Num estudo de Porter, Fairweather, Drugge, Hervé, Birt e Boer com 329 prisioneiros dos quais 228 estavam a cumprir pena por abuso sexual, foram divididos em sub-grupos: abusador extra familiar, abusador intra familiar, abusador intra e extra familiar, violador, abusador-violador, e criminoso não sexual. Os resultados demonstraram que os grupos de abusadores de crianças tinham as taxas de psicopatia mais baixas, os violadores e os criminosos não sexuais tinham taxas moderadamente altas, e os abusador-violador tinham a taxa mais alta de psicopatia (Porter, Fairweather, Drugge, Hervé, Birt, e Boer, 2002). Segundo Beckett os abusadores de crianças que não foram pais (tipicamente, abusadores sexuais de menores extra familiar) tinham congruência emocional significativamente mais alta com crianças. Concluiu então que os ofensores com alta congruência emocional com crianças também mostraram autoestima baixa, isolamento social e fracasso na intimidade em relações adultas (Beckett et al. 1994).

Abusadores intra familiares e também extra familiares podem ter maiores problemas de intimidade com mulheres em comparação com outras categorias de abusadores de crianças. Os abusadores de crianças extra familiar com vítimas do sexo masculino parecem ter maior identificação emocional com crianças do que outros grupos de ofensores sexuais (Underhill, Wakling, Mann & Webster, 2008). A repetição de comportamentos sexuais violentos, pode favorecer a emergência e manutenção de preferências sexuais violentas (Laws & Marshall, 1990). Abusadores sexuais de menores extra familiares têm défices de competências de relacionamento íntimo, a solidão também aparece de forma significativa nos ofensores sexuais (Seidman et al., 1994). Segundo Seto e Laumière (2001, cit. Carvalho, 2011) um agressor extra familiar tem preferência por vítimas do sexo masculino, com idade inferior a 12 anos, demonstrando interesse sexual exclusivo ou preferencialmente por menores (pedófilo).

Objetivo do estudo atual

O objetivo do presente estudo foi o de caracterizar cada uma destas classes de acordo com o seu perfil psicopatológico e de personalidade. É importante para a Psicologia Forense haver um conhecimento mais detalhado do perfil destes agressores para se ser mais específico a selecionar métodos de intervenção e para que se possa ajudar ao desenho de programas de reabilitação mais eficientes.

METODOLOGIA

Participantes

Procedimentos

Instrumentos: BIS – Escala de Impulsividade de Barrat

PANAS – Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos

NEO-FFI – Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores

BSI – Breve Inventário de Sintomas

Metodologia

Os dados utilizados no âmbito desta dissertação fazem parte de uma linha de investigação em Sexologia Forense sob a coordenação de Joana Carvalho. Já foram recolhidos em 2009/2010 com a supervisão da mesma. Nesta amostra não foram considerados sujeitos inimputáveis, com diagnóstico psicopatológico severo.

Participantes

Este estudo foi dividido em dois grupos, abusadores sexuais de menores intra familiares e os abusadores sexuais de menores extra familiares.

O grupo dos abusadores de menores intra familiares é composto por 28 homens, 71,8% da amostra. Com idades compreendidas entre os 23 e os 58 anos, em que a média de idades são os 40 anos. Em termos de Estado Civil 12 são casados (42,95%), 12 são solteiros (21,4%), 2 estão em união de facto (7,1%) e 8 estão divorciados (28,6%). As Habilitações Literárias dos reclusos são: 12 têm o 1º ciclo (42,9%), 8 têm o 2º ciclo (28,6%), 6 têm o 3º ciclo (21,4%) e 2 têm secundário (7,1%). Vinte e um reclusos fizeram uma vítima (77,8%) e apenas 6 fizeram 2 vítimas (22,2%). Quanto a terem praticado crimes não sexuais, 3 também praticaram crimes não sexuais (11,1%) e 24 praticaram crimes sexuais (88,9%).

O grupo de abusadores extra familiares é composto por 11 homens, 28,25% da amostra. Com idades compreendidas entre os 22 e os 44 anos, em que a média de idades são os 29 anos. Em termos de Estado Civil 3 são casados (33,32%) e 6 são solteiros (66,7%). As Habilitações Literárias dos reclusos são: 3 têm o 1º ciclo (27,3%), 4 têm o 2º ciclo (36,4%) e 4 têm o 3º ciclo (36,4%). Sete reclusos só fizeram uma vítima (63,6%), 2 fizeram 2 vítimas (18,2%) e 2 fizeram 3 vítimas (18,2%). Quanto a terem praticado crimes não sexuais, 4 também praticaram crimes não sexuais (36,4%) e 7 apenas praticaram crimes sexuais (63,6%). (Tabela 1)

Tabela 1. Características sociodemográficas do grupo de agressores sexuais a menores (ASM).

Agressores sexuais a menores		
(n = 39)		
	Grupo Intrafamiliar	Grupo Extrafamiliar
	(n = 28)	(n = 11)
	(M ± DP)	(M ± DP)
Idade	40,02 ± 8,74	29,09 ± 7,56
Estado Civil		
Solteiro	21,4 %	66,7 %
Casado	42,9 %	33,3 %
União Facto	7,1 %	-
Divorciado	28,6 %	-
Escolaridade		
1.º Ciclo	42,9 %	27,2 %
2.º Ciclo	28,6 %	36,4 %
3.º Ciclo	21,4 %	36,4 %
Secundário	7,1 %	-
Crime		
Sexuais	88,9 %	63,6 %
Não sexuais	11,1 %	36,4 %
Vítimas		
1 Vítima	77,8 %	63,6 %
+1 Vítima	22,2%	36,4 %

Procedimentos

Os indivíduos condenados por crimes sexuais foram avaliados em 7 estabelecimentos prisionais nacionais devidamente autorizados pela Direção Geral dos Serviços Prisionais (Estabelecimento Prisional de Aveiro, Estabelecimento Prisional de Coimbra, Estabelecimento Prisional de Custóias, Estabelecimento Prisional da Guarda, Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo e Estabelecimento Prisional do Vale de Sousa). A participação foi voluntária, com o

conhecimento de que poderiam desistir caso quisessem, consistindo no preenchimento de questionários de forma privada, sob supervisão da investigadora. Os participantes deram o seu consentimento informado e não receberam qualquer recompensa pela participação no estudo. Foi consultado o processo judicial de cada voluntário.

Posteriormente os dados recolhidos foram introduzidos numa base de dados e trabalhados através do *software IBM SPSS Statistics 22 (Statistical Package for the Social Sciences)*. A amostra foi cedida pela Doutora Joana Carvalho, responsável pelo estudo “Fatores de vulnerabilidade para a agressão sexual” (Carvalho, 2011)

Instrumentos

Com o objetivo de avaliar a caracterização de abusadores sexuais de menores intra e extra familiares, foram utilizados os instrumentos a seguir descritos.

Escala de Impulsividade – (BIS) - Patton, Stanford & Barratt, 1995

Escala composta por 30 itens de auto resposta que avaliam o conceito de impulsividade mediante três subescalas; a impulsividade motora que está relacionada com a tendência do indivíduo agir levando-se pelas circunstâncias do momento; a impulsividade de planeamento que está relacionada com a capacidade de pensar de forma cuidadosa e de planear as ações; e a impulsividade atencional que está relacionada com a capacidade do indivíduo focar a sua atenção numa tarefa em particular. A consistência interna para a escala total é de .82 numa amostra estudantil, .83 numa amostra de doentes psiquiátricos e .80 numa amostra de reclusos.

Estudos psicométricos Portugueses, efetuados numa amostra estudantil, mostraram uma estrutura fatorial composta por dois fatores: impulsividade motora e de planeamento e impulsividade cognitiva. A consistência interna para a impulsividade motora e de planeamento foi de .80 e para a impulsividade cognitiva foi de .75. A fidelidade teste-reteste foi de .78 (Carvalho & Nobre; 2001, dados não publicados).

Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos (PANAS); Watson, Clark, & Tellegen, 1988.

Instrumento que visa avaliar o afeto positivo e negativo a partir de um conjunto de 20 adjetivos, é um instrumento de auto-relato. Como exemplo de escalas de afeto positivo: orgulho, interesse, excitação, entusiasmo, energia; como exemplo de escalas de afeto

negativo: tensão, culpa vergonha, susto, nervosismo. É pedido aos participantes para responderem sobre como geralmente sentem as respetivas emoções através de uma escala Likert que varia entre “muito pouco/quase nada” até “extremamente”.

Esta escala permite-nos avaliar o afeto traço ou estado, para isso alteram-se as instruções dadas aos participantes (traço caso sejam questionados acerca da forma como geralmente se sentem, e estado caso sejam questionados acerca de como se sentiram em determinado momento). A avaliação das dimensões faz-se de forma independente.

O *alpha de Cronbach* foi de .89 para a subescala do afeto positivo e de .85 para a do afeto negativo na versão original. A versão Portuguesa apresenta boas características psicométricas, com *alpha de Cronbach* de .86 para a escala do afeto positivo e .89 para a escala do afeto negativo (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005).

Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI) - Costa & McCrae, 1992

O inventário de personalidade dos cinco fatores é uma versão reduzida do NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1992) constituída por 60 itens de auto-resposta que permite avaliar os cinco domínios gerais da personalidade: neuroticismo, extroversão, abertura, amabilidade e conscienciosidade. O *alpha* de Cronbach está entre .86 e .95; fidelidade teste-reteste entre .63 e .81. Na versão Portuguesa o *alpha* de Cronbach variaram entre .69 (abertura) e .81 (conscienciosidade) (Magalhães et al., *in press*).

Breve Inventário de Sintomas (BSI) - Derogatis & Spencer, 1982

Instrumento de auto-relato constituído por 53 itens que avalia a presença de sintomatologia psicopatológica e ajustamento emocional em nove dimensões: somatização, obsessão-compulsão, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranóide e psicoticismo e três Índices Globais – índice geral de sintomas (IGS), o índice de sintomas positivos (ISP) e o total de sintomas positivos (TSP). É constituído por 53 itens, em que é pedido aos sujeitos para pontuar a frequência de ocorrência dos problemas ou sintomas apresentados, durante a última semana, numa escala de Likert de cinco pontos, que varia entre “Nunca” e “Muitíssimas Vezes”. *Alpha* de Cronbach varia entre .71 (psicoticismo) e .85 (depressão).

A amostra portuguesa apresenta níveis de consistência interna entre .62 (psicoticismo) e .80 (somatização); e coeficientes teste-reteste entre .63 (ideação paranóide) e .81 (depressão) (Canavarro, 2007 cit in Carvalho, 2011).

RESULTADOS

1. Impulsividade no abuso sexual de menores
2. Afetos Positivos e Afetos Negativos no abuso Sexual de Menores
3. Os fatores da personalidade no abuso sexual de menores
4. Os sintomas nos abusadores sexuais de menores

Resultados

Este estudo foi feito para se estudar as diferenças na caracterização psicológica dos abusadores sexuais de menores dependente do contexto em que ocorrem as agressões sexuais.

Para efetuar o estudo foi usado uma Análise Multivariada da Variância (MANOVA), teve de ser usada a MANOVA devido a usarmos muitas subescalas. Estabelecendo-se como variável independente o contexto (Grupo Intrafamiliar x Grupo Extrafamiliar) e como variáveis dependentes as várias dimensões da psicopatologia.

1. Impulsividade no abuso sexual de menores

Para perceber o papel da impulsividade nos casos dos abusadores sexuais de menores Intrafamiliares x Extrafamiliares nos domínios da escala de impulsividade (impulsividade cognitiva e impulsividade de planeamento) estabelecendo-se como variável independente o contexto (Grupo Intrafamiliar x Grupo Extrafamiliar) e como variáveis dependentes a Escala de Impulsividade, foram feitas análises multivariadas que revelaram um efeito significativo do contexto da impulsividade [Λ de Wilks = .799, $F(2, 36) = 4.523$, $p = .018$, η^2 parcial = .201].

As análises univariadas revelaram diferenças significativas entre os grupos, ao nível da Impulsividade Cognitiva (Grupo Extrafamiliar: $M = 20.017$ $DP = 1.063$, Grupo Intrafamiliar: $M = 17.017$, $DP = .666$). O Grupo Extrafamiliar apresenta pontuações significativamente mais elevadas relativamente ao Grupo Intrafamiliar (ver Tabela 2).

Tabela 2. Impulsividade no abuso sexual de menores (Grupo Intrafamiliar vs Grupo Extrafamiliar): Análises Univariadas da Variância ($n = 39$).

	Grupo Intrafamiliar ($n = 28$) $M \pm DP$	Grupo Extrafamiliar ($n = 11$) $M \pm DP$	$F(2,36)$	P	η^2
BIS					
Impulsividade Planeamento	44.611 \pm 1.592	53.482 \pm 2.540	8.759	.005	.191
Impulsividade Cognitiva	17.495 \pm .66	20.017 \pm 1.063	4.042*	.520	.098

2. Afetos Positivos e Afetos Negativos no abuso Sexual de Menores

Posteriormente foram avaliados os efeitos dos afetos positivos e dos afetos negativos nos casos de abuso sexual de menores tendo como variável independente o contexto (Grupo Intrafamiliar x Grupo Extrafamiliar) e como variáveis dependentes a escala de afetos positivos e a escala de afetos negativos (e.g.: afeto positivo: orgulho, interesse, excitação, entusiasmo, energia; afeto negativo: tensão, culpa vergonha, susto, nervosismo).

As análises multivariadas revelaram um efeito significativo do contexto ao nível das escalas dos afetos. [Λ de Wilks = .693 , $F(2,36) = 7.982$, $p = .001$, η^2 parcial = .307].

As análises univariadas revelaram diferenças significativas entre os grupos, ao nível do Afeto Negativo (Grupo Extrafamiliar: $M = 22.659$, $DP = 2.477$) Grupo Intrafamiliar: $M = 11.602$, $DP = 1.553$). O Grupo Extrafamiliar apresenta pontuações significativamente mais elevadas relativamente ao Grupo Intrafamiliar (ver Tabela 3).

Tabela 3. Afetos Positivos e Afetos Negativo no abuso Sexual de Menores (Grupo Intrafamiliar vs Grupo Extrafamiliar): Análises Univariadas da Variância ($n = 39$).

	Grupo Intrafamiliar ($n = 28$) $M \pm DP$	Grupo Extrafamiliar ($n = 11$) $M \pm DP$	$F(2,36)$	P	η^2
PANAS					
Afeto Negativo	11.602 ± 1.553	22.659 ± 2.477	2.583*	.117	.65
Afeto Positivo	22.952 ± 1.460	18.535 ± 2.329	14.303	.001	.279

3. Os fatores da personalidade no abuso sexual de menores

Foram avaliados os efeitos dos fatores da personalidade nos casos de abuso sexual de menores tendo como variável independente o contexto (Grupo Intrafamiliar x Grupo Extrafamiliar) e como variáveis dependentes os cinco fatores da personalidade. (neuroticismo, extroversão, abertura, amabilidade e conscienciosidade).

As análises multivariadas revelaram um efeito significativo do contexto ao nível dos fatores da personalidade [Λ de Wilks = .567 , $F(5,33) = 5.039$, $p = .002$, η^2 parcial = .433].

Após feita correção de Bonferroni ($p < .01$) as análises univariadas revelaram diferenças significativas entre os grupos, ao nível do Neuroticismo (Grupo Extrafamiliar: $M =$

33.800, $DP = 1,850$. Grupo Intrafamiliar: $M = 23.758$, $DP = 1.160$) o Grupo Extrafamiliar apresenta pontuações significativamente mais elevadas relativamente ao Grupo Intrafamiliar (ver Tabela 4).

Tabela 4. Os fatores da personalidade no abuso sexual de menores (Grupo Intrafamiliar vs Grupo Extrafamiliar): Análises Univariadas da Variância ($n = 39$).

	Grupo Intrafamiliar ($n = 28$) $M \pm DP$	Grupo Extrafamiliar ($n = 11$) $M \pm DP$	$F (5.33)$	P	η^2
NEO-FFI					
Neuroticismo	23.758 ± 1.160	33.800 ± 1.850	21.145 *	.000	.364
Extroversão	28.936 ± 1.028	25.364 ± 1.641	3.404	.730	.840
Abertura	$23.460 \pm .919$	22.101 ± 1.467	.617	.439	.16
Amabilidade	$31.250 \pm .866$	30.203 ± 1.382	.412	.525	.011
Conscienciosidade	$36,161 \pm .864$	31.962 ± 1.378	6.668	.014	.153

* - $p < 0.1$

4. Os sintomas nos abusadores sexuais de menores

Posteriormente, foram avaliados os efeitos dos sintomas psicopatológicos nos casos de abuso sexual de menores tendo como variável independente o contexto (Grupo Intrafamiliar x Grupo Extrafamiliar) e como variáveis dependentes o inventário de sintomas. (Somatização, Obsessão-Compulsão, Sensibilidade Interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade Fóbica, Ideação Paranóide e Psicoticismo).

As análises multivariadas revelaram um efeito significativo do contexto ao nível dos sintomas [Λ de Wilks = .280 , $F (9,29) = 8.301$, $p = .000$, η^2 parcial = .720].

Após feita correção de Bonferroni ($p < .005$) as análises univariadas revelaram diferenças significativas entre os grupos, ao nível da Somatização (Grupo Extrafamiliar: $M = 18.182$; $DP = 1.751$, Grupo Intrafamiliar: $M = 11.907$; $DP = 1.098$), ao nível da Depressão (Grupo Extrafamiliar: $M = 16.968$; $DP = 1.435$, Grupo Intrafamiliar: $M = 11.043$; $DP = .899$), ao nível da Ansiedade (Grupo Extrafamiliar: $M = 15.364$; $DP = 1.274$, Grupo Intrafamiliar: $M = 9.918$ $DP = .798$), ao nível da Ansiedade Fóbica (Grupo Extrafamiliar: $M = 13.273$ $DP = .878$, Grupo Intrafamiliar: $M = 5.926$ $DP = .551$), ao nível do Psicoticismo (Grupo

Extrafamiliar: $M = 13,715$ $DP = 1,113$, Grupo Intrafamiliar: $M = 8.648$ $DP = .697$), ao nível da Ideação Paranoíde (Grupo Extrafamiliar: $M = 16.570$, $DP = 1.274$. Grupo Intrafamiliar: $M = 11.671$, $DP = .799$) e ao nível da Obsessão Compulsão (Grupo Extrafamiliar: $M = 16.909$, $DP = 1.304$ Grupo Intrafamiliar: $M = 11.267$ $DP = .817$) . O Grupo Extrafamiliar apresenta pontuações, significativamente mais elevadas relativamente ao Grupo Intrafamiliar em todos os sintomas (ver Tabela 5).

Tabela 5. Os sintomas nos abusadores sexuais de menores (Grupo Intrafamiliar vs Grupo Extrafamiliar): Análises Univariadas da Variância ($n = 39$).

	Grupo Intrafamiliar ($n = 28$) $M \pm DP$	Grupo Extrafamiliar ($n = 11$) $M \pm DP$	$F (9,29)$	P	η^2
BSI					
Somatização	11.907 ± 1.098	18.182 ± 1.751	9.221 *	.004	.199
Obsessão Compulsão	$11.267 \pm .817$	16.909 ± 1.304	13.450 *	.001	.267
Sensibilidade Interpessoal	$7.530 \pm .693$	11.137 ± 1.106	7.633	.009	.171
Depressão	$11.043 \pm .899$	16.968 ± 1.435	12.238 *	.001	.249
Ansiedade	$9.918 \pm .798$	15.364 ± 1.274	13.126 *	.001	.262
Hostilidade	$8.526 \pm .657$	11.545 ± 1.049	5.952	.020	.139
Ansiedade Fóbica	$5.926 \pm .551$	$13.273 \pm .878$	50.224 *	.000	.576
Ideação Paranoíde	$11.674 \pm .794$	16.570 ± 1.274	10.613 *	.002	.223
Psicoticismo	$8.648 \pm .697$	13.715 ± 1.113	14.889 *	.000	.287

* - $p < .005$

DISCUSSÃO

Discussão

O presente estudo teve como objetivo caracterizar os abusadores sexuais de menores intra familiares e os extra familiares de acordo com o seu perfil psicopatológico. É importante para a Psicologia Forense haver um conhecimento mais detalhado do perfil destes agressores para se ser mais específico a selecionar métodos de intervenção e para que se possa ajudar ao desenho de programas de reabilitação mais eficientes. Para diferentes características psicopatológicas e diferentes psicopatologias é necessário adequar o método usado para o seu tratamento.

Os abusadores sexuais constituem um grupo heterogéneo proveniente de diferentes contextos, existindo uma grande diversidade nas características de cada indivíduo nomeadamente na tipologia do crime, na motivação, no sexo, na idade e nas características psicopatológicas do abusador (Huss, 2011).

A agressão sexual a menores no seio familiar é chamada de intra familiar, podendo ser praticada por alguém com laços afetivos como pais, padrasto, tios, irmãos, avós da vítima. Quando ocorre fora do seio familiar é chamada de extra familiar, os agressores não têm laços familiares, podem ser amigos, vizinhos, conhecidos, desconhecidos.

Os resultados obtidos neste estudo foram de uma clara tendência para os abusadores extra familiares terem mais dimensões do foro psicopatológico do que os abusadores sexuais intra familiares. A impulsividade é um fenómeno complexo caracterizado por diferentes padrões cognitivos e comportamentais que levam a consequências disfuncionais imediatas e em médio/ longo prazo (Moeller, 2001). Na Escala de Impulsividade (BIS) foi notório que os extra familiares tiveram pontuações significativamente mais elevadas no grupo da impulsividade cognitiva relativamente aos intra familiares o que demonstra que, em termos gerais da amostra, são pessoas mais impulsivas. Quanto á escala de Afetos Positivo e Negativos (PANAS), os extra familiares tiveram pontuações significativamente mais elevadas ao nível dos Afetos Negativos (tensão, culpa, vergonha, susto...) o que significa que os extra familiares vivenciam mais frequentemente afetos negativos do que os intra familiares. É uma dimensão relacionada com a tendência para a irritabilidade, stress, hostilidade, sendo comum às perturbações emocionais como é o caso da ansiedade e depressão (Clark & Watson, 1991). Quanto ao Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI), veio demonstrar uma diferença significativa entre os dois grupos ao nível do Neuroticismo, tendo o grupo dos extra familiares apresentado uma pontuação significativamente mais elevada do que os intra

familiares, o que demonstra uma maior tendência para o neuroticismo por parte dos extra familiares. O neuroticismo é caracterizado por diferentes aspetos relacionados com o ajustamento emocional (ex: propensão para experienciar estados de ansiedade, depressão, aborrecimento, instabilidade emocional, etc). É um dos principais fatores de vulnerabilidade para diversas perturbações psiquiátricas (Malouff, Thorsteinsson, & Schutte, 2005). Quanto ao Breve Inventário de Sintomas (BSI), notou-se uma diferença significativa dos resultados entre o grupo de intra e o de extra familiares, em que os extra familiares tiveram diferenças significativas ao nível da somatização, da depressão, da ansiedade, da ansiedade fóbica, do psicoticismo, da ideação paranóide e da obsessão compulsão, o que vem demonstrar que os extra familiares têm um maior número de sintomatologia psicopatológica e de ajustamento emocional. Em termos gerais os extra familiares caracterizam-se por serem mais impulsivos cognitivamente, vivenciarem mais afetos negativos, terem uma maior tendência para o neuroticismo e por serem pessoas com mais sintomatologia psicopatológica.

Estes resultados vêm demonstrar a heterogeneidade dos agressores sexuais, visto não serem todos iguais, ambos os grupos de agressores se caracterizaram por perfis distintos com implicações diferentes para a sua conduta, o que para um pode ser um fator de risco para outro sujeito pode não o ser. O que vem demonstrar a importância de um acompanhamento clínico especializado para cada tipo de abusadores sexuais de menores, em especial para os extra familiares pois, pelos resultados, foi visto um maior número de dimensões do foro psicopatológico.

Os sujeitos condenados por abuso sexual de menores caracterizaram-se pela falta de adaptação emocional, são sujeitos propensos a estados emocionais negativos, frustração, pensamento irracional, baixa auto-estima, dificuldades no controlo dos impulsos ou estratégias de coping pouco eficazes (McCrae & Costa, 1987). O que vem ao encontro com o nosso estudo, especialmente com os abusadores sexuais de menores extra familiares.

Um estudo de Seidman, Marshall, Hudson e Robertson vai ao encontro dos nossos resultados, pois afirma que abusadores sexuais de menores extra familiares têm défices de competências de relacionamento íntimo, e experienciam sentimentos negativos como a solidão (Seidman, Marshall, Hudson & Robertson, 1994). Já os abusadores sexuais intra familiares, demonstram um desenvolvimento psicossocial normativo (Cohen, Seghnor, & Calmas, 1969).

Os abusadores sexuais de menores apresentam com frequência um historial de pensamentos negativos auto-perpetuados que vão influenciar o seu comportamento, em que o indivíduo vê a vida de um modo distorcido. Esse funcionamento cognitivo vai, assim, possibilitar a racionalização, justificação e minimização dos atos que praticam, que origina um sentimento de “direito” a praticar os atos (Flora, 2001, cit. por Pereira, 2007). Os extra familiares tendem a apresentar mais frequentemente distorções cognitivas, facilitadoras da ofensa sexual infantil, em comparação aos intra familiares (Seto et al., 2015). Existe uma maior probabilidade de psicopatia em agressores extra familiares do que intra familiares. (Vieira, 2010).

Os abusadores intra familiares usam menos a força física e verbal, usam mais as instruções de "não digas a ninguém", os abusadores extra familiares escolhem mais frequentemente vítimas mais velhas, e como tal usam mais a força (Fischer, McDonald, 1998). Os abusadores sexuais extra familiares tendem a perpetrar atos abusivos mais intrusivos (manipulação genital, tentativa ou prática de penetração anal ou vaginal) (Taveira et al, 2009). Os intra familiares tendem a repetir os atos abusivos ao longo de um período de tempo, presenciando menos sentimento de culpa e sentimentos negativos do que os extra familiares (Quadara et al., 2015; Sequeira, 2013; cit in Seto et al., 2015). O Abusador intra familiar costuma iniciar o abuso subtilmente, ganhando a confiança (com presentes e carícias) e após ganhar a confiança vão desenvolvendo os seus atos. A partir do momento em que a criança se começa a aperceber da anormalidade dos atos, o abusador inverte os papéis, culpabilizando-a e desculpabilizando-se (e.g., por ter aceite os presentes e as carícias) (Nakatani, 2012).

Neste estudo existem algumas limitações como número da amostra ser pequeno e por isso deverá ser feita uma leitura cuidadosa dos resultados. As análises não implicam o mecanismo de causa e efeito. É um estudo correlacional. Pode haver outros fatores a sem explicados em estudos futuros como a psicopatia, as variáveis de cariz social ou o ambiente prisional visto que não existe como afirmar se a psicopatologia surgiu pelos indivíduos estarem presos. Nestes estudos foram apenas focadas características psicopatológicas, seria importante num estudo futuro também serem avaliados os interesses pedófilos dos sujeitos. Existe ainda uma escassez de estudos que comparam abusadores sexuais de menores intra familiares e extra familiares.

A caracterização psicopatológica dos abusadores sexuais de menores, sejam intra sejam extra familiares, é uma área muito importante para a Psicologia Forense que deve ser

mais estudada e trabalhada pois devemos tratar cada grupo com um método apropriado para o seu perfil. Visto ser um problema muito presente nos dias de hoje, os Psicólogos Forenses devem estar bem preparados para ajudar as vítimas, prevenir futuros abusos e tratar com um método acertado os abusadores sexuais de menores.

Referência

- American Psychiatric Association. (2013). Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (5ª edição). Lisboa: Climepsi Editores.
- Antunes, C. (2011). Abuso sexual na infância e adolescência: Uma leitura narrativa do impacto e dos processos conducentes à resiliência. (Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho).
- Barbaree, H. E., Hudson, S. M. and Seto, M. C. (1993). “Sexual assault in society: The role of the juvenile offender”. In H. E. Barbaree, W. L. Marshall and S. M. Hudson, The juvenile sex offender (pp. 1-24). New York: Guilford
- Beckett, R. C., Beech, A., Fisher, D., & Fordham, A. S. (1994). Community-based treatment for sex offenders: An evaluation of seven treatment programmes. London: Home Office Information Publications Group, Research Development Statistics Directorate.
- Carvalho, J. (2011) Factores de Vulnerabilidade para a Agressão Sexual. Universidade de Aveiro. Departamento de Investigação.
- Carvalho, J., Nobre, P. J. (2011). The role of early maladaptive schemas on convicted sexual aggressors. Manuscrito submetido para publicação
- Clark, L. A., & Watson, D. (1991). Tripartite model of anxiety and depression: psychometric evidence and taxonomic implications. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, 316-336
- Cohen, M. L., Seghorn, T., & Calmas, W. (1969). Sociometric study of the sex offender. *Journal of Abnormal Psychology*, 74, 249-255.
- Feelgood, S., & Hoyer, J. (2008). Child molester or paedophile? Sociolegal versus psychopathological classification of sexual offenders against children. *Journal of Sexual Aggression*, 14 (1), 33-43.
- Fischer, D. G, McDonald, W. L. (1998) Characteristics of intrafamilial and extrafamilial child sexual abuse - Child Abuse Negligence; 22(9):915-29.
- Furniss, Tilman. (1993) Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, p. 10.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão Portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, 2, 219-227

- González, E., Martínez, V., Leyton C., Bardi, A. (2004). Características de los abusadores sexuales. *Revista Sogia*, 6-14
- Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2006). Terapia cognitivo-comportamental e promoção de resiliência para meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar. In D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller & M. A. M. Yunes (Eds.), *Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. 233-258.
- Hanson, R.K. (1997) Involving sympathy – Assessment and treatment of empathy deficits among sexual offenders. In B.K. Schwartz & H.R. Cellini (Eds.) *The sex offender: New insights, treatment innovations and legal developments (Vol. II)*, 1.1-1.12). Kingston, NJ: Civic Research Institute.
- Hartley, C.C., (1998). How incest offenders overcome internal inhibitions through the use of cognitions and cognitive distortions. *Journal of Interpersonal Violence*, 13.
- Huss, M. (2011). *Psicologia Forense: pesquisa, prática clínica e aplicações*. Porto Alegre: Artimed.
- Kristensen, C. H., Oliveira, M. S., & Flores, R. Z. (1999). Violência contra crianças e adolescentes na grande Porto Alegre: pode piorar? In *Fundo das Nações Unidas para a Infância (Org.), Violência doméstica Brasília: Unicef*. (104-117).
- Kocsis RN, Cooksey RW, Irwin HJ.(2002) Psychological profiling of offender characteristics from crime behaviors in serial rape offences. *Int J Offender Ther Comp Criminol*.;46(2):144-69.
- Lanning KV. (1991) Ritual abuse: a law enforcement view or perspective. *Child Abuse Negl*. ;15(3):171-3
- Laws, D. R., & Marshall, W. L. (1990). A conditioning theory of the etiology and maintenance of deviant sexual preference and behavior. In W. L. Marshall, D. R. Laws, & H. E. Barbaree (Eds.), *Handbook of sexual assault: Issues theories and treatment* (pp. 209-229). New York: Plenum.
- Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A. J., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P., ... NEO-FFI: Psychometric properties of a short personality inventory. *European Journal of Psychological Assessment*, in press.

- Malouff, J., Thorsteinsson, E., & Schutte, N. (2005). The relationship between the Five-Factor-Model of Personality and symptoms of clinical disorders: A meta-analysis. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 27, 101-114.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. Jr. (1987). Validation of the five-factor model of personality across instruments and observers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (1), 81-90
- Moeller F. G, Barratt E. S, Dougherty D. M, Schmitz J. M, Swann A. C.(2001) Psychiatric aspects of impulsivity. *Am J Psychiatry*.158:1783-93.
- Nakatani, F. M. (2012). Abuso sexual intrafamiliar contra a criança: Entre o Direito e a Psicologia. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Brasil).
- Pechorro, P., Poiares, C. & Vieira, R. (2008). Caracterização psicológica de uma amostra forense de abusadores sexuais. *Análise Psicológica*, 4 (XXVI), 615-623
- Pereira, J. A. T. C. (2007). Distorções cognitivas e agressão sexual: Estudo exploratório com agressores intra e extra-familiares. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto).
- Porter, S., Fairweather, D., Drugge, J., Hervé, H., Birt, A., & Boer, D. (2002). Profiles of psychopathy in incarcerated sexual offenders. In R. Holmes & S. Holmes (Eds.), *Current perspectives on sex crimes* (193-202). Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc.
- Raymond, N. C., Coleman, E., Ohlerking, F., Christenson, G. A., & Miner, M. (1999). Psychiatric comorbidity in pedophilic sex offenders. *American Journal of Psychiatry*, 156(5), 786-788.
- Russel, D. E. H., (1983) The incidence and prevalence of intrafamilial and extrafamilial sexual abuse of female children. – *Child Abuse Negligence* :133-46.
- Seidman, B. T., Marshall, W. L., Hudson, S. M. & Robertson, P. J. (1994). An Examination of Intimacy and Loneliness in Sex Offenders. *J Interpers Violence*; 9; 518 – 534.
- Seto, M. C., Babchishin, K. M., Pullman, L. E., & McPhail, I. V. (2015). The puzzle of intrafamilial child sexual abuse: A meta-analysis comparing intrafamilial and extrafamilial offenders with child victims. *Clinical Psychology Review*, 39, 42-57

- Soeiro, C. (2009). Perfis criminais e crime de abuso sexual de crianças: caracterização de uma tipologia para a realidade portuguesa. *Ousar Integrar - revista de reinserção social e prova n.º 4*, 49/63
- Taveira, F., Frazão, S., Dias, R., Matos, E., Magalhães, T. (2009), Intra and extrafamiliar sexual abuse. 28(1) I 97-106
- Underhill, J., Wakeling H. C., Mann, R. U., & Webster S. D., Webster (2008) - Criminal Justice and Behavior 2008; 35; 1156 originally published online Jul 8. 2008
- Viera, S (2010) Ofensores Sexuais: Das Crenças ao Estilo de Pensamento. Universidade do Minho. Escola de Psicologia.
- Vandiver DM (2006) Violence Vict. - Female sex offenders: a comparison of solo offenders and co-offenders. (3):339-54.
- Wilson, R.J (1999). Emotional congruence in sex offenders against children.
Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 11.

Anexos

Anexo A

BSI – Inventário de Sintomas (Derogatis, 1982)

(Exemplo de questões)

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve O GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O AFECTOU DURANTE A ULTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi afetado nos seguintes sintomas?

Escala de resposta:

Nunca

Poucas vezes

Algumas vezes

Muitas vezes

Muitíssimas vezes

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1- Nervosismo ou tensão interior					
2- Desmaios ou tonturas					
3- Ter a impressão de que as outras pessoas controlam os seus pensamentos					
4- Ter a ideia de que as outras pessoas são culpadas pela maior parte dos seus problemas					
5- Dificuldades em se lembrar de coisas passadas ou recentes					
6- Aborrecer-se e irritar-se com facilidade					
7- Dores sobre o coração ou no peito					
8- Sentir medo na rua ou nos espaços abertos					

Anexo B
NEO-FFI Lima & Simões (2000)

(Exemplo de questões)

Leia cuidadosamente cada uma das afirmações que se seguem e assinale com uma cruz o que melhor representa a sua opinião. Responda a todas as questões.

Escala de Resposta:

Discordo Fortemente

Discordo

Neutro

Concordo

Concordo Fortemente

	Discordo Fortemente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo Fortemente
1. Não sou uma pessoa preocupada					
2. Gosto de ter muita gente à minha volta.					
3. Não gosto de perder tempo a sonhar acordado(a).					
4. Tento ser delicado com todas as pessoas que encontro.					
5. Mantenho as minhas coisas limpas e em ordem					
6. Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas.					
7. Rio facilmente.					
8. Quando encontro uma maneira correta de fazer qualquer coisa não mudo mais.					

Anexo C

Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo – (PANAS) - ; Watson, Clark, & Tellegen, 1988

(Exemplo de questões)

Mais abaixo encontram-se listadas algumas palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Por favor, leia cada item e assinale com um círculo o número correspondente à sua resposta. Indique em que medida sentiu geralmente (ou seja, em média), cada uma das emoções.

Escala de resposta:

0 = Muito pouco ou quase nada

1 = Pouco

2 = Moderadamente

3 = Bastante

4 = Extremamente

	Muito Pouco ou quase nada	Pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente
1. Interessado	0	1	2	3	4
2. Perturbado	0	1	2	3	4
3. Excitado	0	1	2	3	4
4. Atormentado	0	1	2	3	4
5. Agradavelmente surpreendido	0	1	2	3	4
6. Culpado	0	1	2		4
7. Assustado	0	1	2	3	4
8. Caloroso	0	1	2	3	4

Anexo D

Escala de Impulsividade de Barrat-11 (Bis-11; Patton, Stanford & Barratt, 1995)

(tradução de Joana Carvalho & Pedro Nobre, 2009)

(Exemplo de questões)

As pessoas diferem na forma como agem ou pensam em diferentes situações. De seguida encontram-se algumas afirmações acerca da forma como pode agir e pensar. Leia cada frase e coloque um X no número apropriado. Não perca muito tempo na resposta a cada frase. Responda de forma rápida e sincera.

Escala de respostas:

1-Nunca/Raramente

2-Ocasionalmente

3-Com Frequência

4-Quase Sempre/Sempre

	Nunca / Raramente	Ocasionalmente	Com Frequência	Quase Sempre/Sempre
1. Planifico as tarefas cuidadosamente	0	1	2	3
2. Faço as coisas sem pensar.	0	1	2	3
3. Tomo decisões muito rapidamente	0	1	2	3
4. Deixo andar as coisas sem me preocupar	0	1	2	3
5. Não me concentro	0	1	2	3
6. Não tenho controlo sobre os meus pensamentos	0	1	2	
7. Planifico as viagens com tempo	0	1	2	3
8. Tenho auto-controlo	0	1	2	3